

SOTAQUE NÃO É ERRO: A VARIANTE LINGUÍSTICA SERGIPANA E A FALA DAS MÍDIAS.¹

Gabriel Batista Santos²
Universidade Federal de Sergipe - UFS

Valéria Aparecida Bari³ - Orientadora
Universidade Federal de Sergipe - UFS

RESUMO

O presente estudo, com o tema do preconceito linguístico, foi desenvolvido com metodologia de pesquisa de natureza aplicada, exploratória e descritiva. O objetivo da pesquisa foi o de observar o preconceito linguístico, entendendo seu efeito social e como ele se propaga na imprensa brasileira, a partir da variação linguística sergipana. Depoentes, com diferentes níveis de educação formal, afirmam ter presenciado e protagonizado situações de preconceito linguístico. Conclui-se que existe um caminho de construção de conhecimentos e estudos sobre esta e outras variantes linguísticas, para que se possa trocar o preconceito pelo respeito.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito Linguístico - Brasil; Preconceito linguístico na Imprensa; Variação Linguística Sergipana; Mídias Sociais; Dialeto sergipano.

INTRODUÇÃO

O preconceito linguístico foi detectado no séc. XXI, como um componente social demarcatório da desigualdade. No Brasil, a centralidade do protocolo e sotaque das regiões economicamente mais representativas, como Sudeste e Sul, tem promovido ao longo dos sécs. XX e XXI, um protocolo verbal na fala e escrita da imprensa, que considera inadequada, “pitoresca” ou coloquial a aparição dos sotaques e expressões regionais do Português.

Contudo, a adoção de protocolos para escrita e fala, como ocorrem na produção científica, nem sempre fazem sentido na expressão do Português no cotidiano da imprensa. A língua ela é heterogênea, no caso é viva e sempre está em constante mudança.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GTNE03 - Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Docente Pesquisadora do Magistério Superior da UFS, email: bari2009@academico.ufs.br

³ Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da UFS, email: gabrielbsantos@academico.ufs.br

O jornalismo brasileiro fica bem claro, pelos apresentadores e repórteres que apresentação jornais, seja, digitais, TVs e impressos, a forma de escrita e pronúncia e alterada pelos indivíduos de cada estado que se vivem. Mesmo assim, ainda podemos verificar que a aparição do sotaque desperta classificações sociais e preconceitos que nem sempre correspondem à verdade. Segundo Guimarães:

Recentemente escutei o episódio “Nordeste: fome, falta e manipulação” do podcast Prato Cheio. Na introdução do episódio podemos ler: “Ser nordestina é carregar consigo, na origem, nos sotaques, uma série de estigmas advindos de um país extremamente classista (Guimarães, 2022, s/p).

Para observar tais associações de ideias e tendências, que correspondem ao preconceito linguístico na imprensa brasileira, o presente estudo, com o tema do preconceito linguístico, foi desenvolvido com metodologia de pesquisa de natureza aplicada, exploratória e descritiva (Gil, 2010).

Como procedimentos de pesquisa, o referencial teórico foi obtido por meio de pesquisa de revisão bibliográfica narrativa (Antoniassi, 2024, p. 23). Em seguida, foram entrevistados especialistas, assim como testemunhas do fenômeno do preconceito linguístico, no período de 26 de março a 7 de abril de 2025. Posteriormente, partiu-se para a análise dos depoimentos coletados, em comparação com textos e falas midiáticas da atualidade, disseminadas sobre o tema, por especialistas e *influencers*. O objetivo da pesquisa foi o de observar o preconceito linguístico, entendendo seu efeito social e como ele se propaga na imprensa brasileira, a partir da variação linguística sergipana.

REFERENCIAL TEÓRICO

A segunda capital brasileira, que foi a cidade do Rio de Janeiro, teve uma centralidade política e cultural em relação às demais localidades brasileiras, pela clara influência da fala e costumes do país colonizador, Portugal. Por conseguinte, o protocolo verbal formal do país, legitimado pelos estudos linguísticos brasileiros, é derivado em grande parte do modo de expressão carioca.

Outrossim, no Brasil o preconceito pela forma de falar e expressivo nas mídias sociais, como na gramática e cotidiano, na qual jornalistas acaba optando por um “Português neutro”, que corresponderia ao sotaque das regiões de grande influência política e centralização do capital financeiro no país. Dessa maneira, compreende-se que com esse impasse, é fundamental buscar por contribuições Marcos Bagno (1999).

Marcos Bagno é um pesquisador e professor da Universidade de São Paulo, autor do livro “preconceito linguístico: o que é, como se faz?”. Além disso, ele é Doutor em filologia, escritor de obras literárias brasileiras, também já venceu em 2012 o Prêmio Jabuti, com “As Memórias de Eugênia”, em 2013. Seu livro infantil “Marcéu”, recebeu o Prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional da Glória Pondé. Com isso, escreve para uma coluna da revista Caros Amigos.

Nessa perspectiva, Marcos Bagno, demonstra em sua obra *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz* (1999), que a elite letrada impõe uma norma considerada “padrão”, que deve ser sempre usada, excluindo da coletividade as variações linguísticas que existem. Seguindo a linha de raciocínio de Rayane Peixes Gremes, segundo a qual: “as elites fazem o uso da língua para a manutenção das estruturas de dominação; segundo ele, a língua formal é mais utilizada por aqueles indivíduos que controlam o poder econômico, cultural, político como forma de oprimir aqueles que não fazem parte desse núcleo de dominação” (Gremes, 2021, p. 83).

Diante disso, de acordo com Alan Pereira Alves: “É notório vermos como a mídia aborda o preconceito linguístico, mistificando o conceito de que existe uma única forma correta de se falar” (Alves, 2011, p. 8).

Logo, vê-se que, na mídia brasileira, faz com que o corpo social acredite que os meios de comunicação trabalham e dão voz a temática do preconceito linguístico, sendo que não dão a devida importância que a um discurso tão importantíssimo para os jovens, adultos e crianças que irão aprender como funciona o preconceito, e o porquê ele é gerado pela sociedade.

FALA, SERGIPE! UMA VIAGEM PELAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Em Sergipe, existe um conjunto de expressões típicas como *mutio*, *otcho*, *doido*, *pipocar*, *oxe*, *oxente minino*, presente no cotidiano dos sergipanos, construindo um traço marcante da própria cultura local. Essa variação linguística é a mistura de influência de povos indígenas, africanos, portugueses e espanhóis, criando variações da fala, diferentes de outros estados, explica o historiador Carlos Fonseca, colaborador do Museu da Gente Sergipana. A importância dessa fala ganhou um destaque no Museu da Gente Sergipana, espaço que preserva a vida e cultura do povo sergipano. Fonseca tem se dedicado ao

desenvolvimento de um dicionário, que contemple a variação linguística sergipana, no sentido de contribuir com a formação da identidade e memória.

Fonseca explica que esses vocabulários regionais são de várias origens, “resultado, dessa mistura de povos, que formou a nossa população”. Essa marca de identidade local cria dificuldades na comunicação com pessoas de outras regiões, assim como na disseminação de notícias por órgãos de imprensa. Mineia Santos, que trabalha no Mercado Central de Aracaju, contou sobre as palavras que ela usa no seu dia a dia com os turistas, e como eles reagiram, “Sim, a exemplo do Oxente, que nós costumamos falar, eles ficam admirados”. Esse vocabulário é visto ora com encantamento ora com estranhamento por turistas que visitam as localidades sergipanas.

Ao entrevistar Iraildes Alves, outra vendedora do Mercado Central de Aracaju, ela diz que “Sim, o nosso sotaque chama a atenção”. Vários vocábulos são distintos para outros brasileiros, pessoas que não estão acostumadas a falar e ouvir.

Além disso, os sergipanos também praticam uma forma diferente de conjugar os verbos. Segundo a linguista Virlândia Lins, que é professora do Colégio “Mundo Criativo”, na cidade de Itabaianinha/SE, o “dialeto sergipano” se difere, principalmente em relação às gírias, que são utilizadas no dia a dia como a expressão *se bater*, “nossa me bati tanto nessa tarefa”; *pelejar*, significa insistir ou perseverar no contexto da fala sergipana.

A diversidade linguística que constitui a identidade sergipana enfrenta a influência de outros falantes, que chegam com os meios de comunicação e redes sociais. Para Virlândia Lins, “Os meios de comunicação sempre exercerão influência sobre seus consumidores, no sotaque e vocabulário, principalmente no grupo infanto juvenil. Isso ocorre por causa de youtubers e digitais influencers de destaque, que são de outras regiões, influenciam no vocabulário”.

A existência de palavras que a população de outros estados não conhece o significado, é comum também a outras regiões do país. Contudo, a origem dos vocábulos sergipanos, que não se refere aos povos europeus ou à influência eurocêntrica, causa uma oposição maior a sua disseminação. Carlos Fonseca, a partir de um exemplo bem popular, afirma que “Nós, aqui em Sergipe, falamos *geladinho*, em Alagoas é *flau*, e os turistas ficam encantados com as palavras e perguntam se elas estão no dicionário”. Outros nomes, como *dindim* (São Paulo), *sacolé* (Rio de Janeiro e Espírito Santo), *chup-chup*

(Minas Gerais e alguns estados do Nordeste), *chupeta* (Nordeste), *laranjinha* (Minas Gerais), *Juju* (Rio Grande do Sul), se referem ao mesmo produto: saquinho plástico que contém um doce congelado.

Em entrevista à Michele Santos, turista que veio do estado de Minas Gerais, comentou que foi sua primeira vez “aqui no estado de Sergipe”. Foi perguntado a ela sobre o jeito de falar aqui em Sergipe “Eu achei diferente, o que mais me surpreendeu foi a sacola, aqui trata com bolsa, para a gente bolsa e mochila, bolsa de carregar coisas”. Ela ainda complementou, comentando sobre o sotaque das pessoas de Sergipe, afirmando que “Muda bastante o sotaque, puxa bastante as palavras, muda muito (risos)”.

De acordo com Fonseca, “O preconceito nem sempre é questão de desinformação, porque há muitas pessoas bem-informadas que são preconceituosas”. Ele contou também que sofreu um caso de preconceito. “No Museu, colocamos os grupos no auditório e passamos vídeos sobre Sergipe. Neste momento, chegou um grupo de senhores da Marinha do Rio de Janeiro. Assim terminei de falar sobre a visitação, uma senhora zombou do meu sotaque, -- é por isso que a gente zomba de vocês com esse sotaque -- referindo-se à minha maneira de falar”.

Quando perguntado a Angelilde Santos Gomes, que também trabalha no Mercado Central de Aracaju, afirmou: “Eu acho linda a cultura popular de Sergipe. Eu que sou da cidade de Laranjeiras, onde está toda a cultura lá enterrada e nascida. Eu amo meu Sergipe, eu amo meu Nordeste”.

A sociedade, no que se trata de grupos sociais, principalmente na maneira de falar o português, é vista como deboche, uma chacota, achar graça de uma variação linguística, no que se refere ao sergipano. É discriminação, segundo a senhora Lucilene Santana, da loja “Coisas Daqui”: “Eles dizem que a gente fala cantando. Algumas vezes eles falam *mangando*, outras vezes não, mas tem outras que sim por sermos nordestinos”, ressaltou a lojista.

PRINCIPAIS RESULTADOS E ANÁLISES

Falar da cultura sergipana é expressar a identidade do povo de Sergipe, no quesito de seus costumes, tradições, manifestações artísticas, religiosas e sociais. A cultura popular dos sergipanos é bem rica. Além de ser considerado o “País do Forró”, pelo fato de este tipo de música compor suas celebrações típicas, como São João, Forró

Caju, festas que trazem alegria, diversão e entretenimento, tanto para os cidadãos da cidade quanto para quem vem de fora.

O forró é a expressão máxima de Sergipanidade na cultura musical brasileira. Luiz Gonzaga, Clemilda e Rogério, são cantores e artistas que carregam o peso e o legado de Sergipe. É memorável o início da carreira de Luiz Gonzaga, quando o mesmo era impedido de compor as letras de suas músicas, ou cantá-las. Na década de 1930, executava suas canções no Acordeon, em programas de rádio como "Calouros em Desfile" da Rádio Tupi e, posteriormente, "A Hora Sertaneja" na Rádio Transmissora. Até 1940, necessitou do apoio de Humberto Teixeira, para criar as letras de suas músicas, de acordo com o Português praticado no Rio de Janeiro. Chegou a ser expulso da Rádio Tupi, ao cantar a música "Dezessete e Setecentos", composta em parceria com Miguel Lima. Sendo assim, Gonzaga é um dos prejudicados pelo preconceito linguístico da variante sergipana mais conhecido no Brasil.

Ao lembrar do passado de Luiz Gonzaga e verificar a situação no presente, podemos afirmar que houve uma melhor aceitação da variação linguística sergipana, à medida que podemos reconhecer a expressão em programas televisivos, radiofônicos, letras de músicas, literatura, quadrinhos e outras produções de repercussão nacional. Contudo, ainda é necessária a visibilidade, assim como a credibilidade de sergipanos, ao depor e tratar de temas destacados ou sensíveis, na imprensa.

Na imprensa brasileira, a norma padrão se estabelece através das plataformas digitais. Programas de inteligência artificial e a utilização de corretores ortográficos presentes nos aplicativos de geração de texto, impedem que as variantes linguísticas sejam utilizadas nas redes sociais. Em entrevista à Jardiel Loretto Filho, a professora Cristiane Marthendal de Oliveira argumenta que:

O termo 'norma culta', em si, já traz um juízo de valor, já que 'culto' se refere à cultura, que não está ligada a somente uma das variantes da língua. Ao falar em 'norma culta', estamos pressupondo que as outras formas de se expressar sejam 'incultas' e, por isto, menos importantes.

Outro ponto a ser destacado é que o termo pode ou não pertencer à "norma padrão", pois explica e indica a existência de outras variações linguísticas. De acordo com Loretto e Oliveira,

Aprendemos a norma padrão na escola, para ampliar nossas possibilidades de comunicação, interação, para ter acesso ao conhecimento acadêmico e nos expressarmos em alguns ambientes. [...] E não para menosprezar aqueles que

não tiveram as mesmas oportunidades, ou que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, como a dislexia, por exemplo (Loretto; Oliveira, 2022, s/p).

No entanto, se for comparado com os vídeos gravados por Marcela Tavares, ela usa muito o conceito de “norma culta”, visto que, existem grupos sociais que vão entender a mensagem por meio de uma determinada variação linguística. Sendo assim, embora passando por um processo de inclusão, a variante linguística sergipana necessita de uma formalização, para que não seja apenas compreendida como uma lacuna da educação formal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais, retomamos o objetivo geral deste estudo. Observar o preconceito linguístico, entendendo seu efeito social e como ele se propaga na imprensa brasileira, a partir da variação linguística sergipana, pode ser compreendido, embora com poucas fontes de informação locais. No importante depoimento de Fonseca (2025), que se propôs a fazer uma fonte de pesquisa sobre a variação linguística sergipana, verdades duras foram proferidas. O destrato a sua pessoa não dependeu dos fatores apontados pelos detratores da variante linguística, como o nível de formação, mas sim de puro preconceito contra a sua expressão falada. Em outro sentido, quando as variantes linguísticas são contactadas em contextos informais, muitas vezes o preconceito cede espaço para a curiosidade e surge uma empatia em relação à diferença.

Os produtos de pesquisas acadêmicas, aliados à disseminação dos diferentes conteúdos construídos e disseminados em redes sociais, paulatinamente estão apoiando importantes mudanças e superações do preconceito linguístico. Importante é salientar que existe um caminho de construção de conhecimentos e estudos sobre esta e outras variantes linguísticas em andamento, para que se possa trocar o preconceito pelo respeito.

REFERÊNCIAS

ALVES, Iraildes. **Entrevista concedida a Gabriel Batista Santos**. 1 arquivo MP3 (3,13 min.) Aracaju/SE, 26 mar. 2025.

ALVES, P. Alan. **A mídia e a institucionalização do preconceito linguístico**. Trabalho de Conclusão de curso (Programa de Iniciação Científica) – Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis (IMESA)/ Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA). Assis/SP, 20 p. 2011.

ANTONIASSI, G. **Manual de metodologia científica**. 3 ed. Patos de Minas: Faculdade Patos de Minas, 2024.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico, o que é, como se faz**. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. A. **Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

FONSECA, Carlos. **Entrevista concedida a Gabriel Batista Santos**. 8 arquivos MP3 (18,91 min.). Aracaju/SE, 1 abr. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Angelilde Santos. **Entrevista concedida a Gabriel Batista Santos**. 1 arquivo MP3 (3,1 min.) Aracaju/SE, 26 mar. 2025.

GREMES, Rayany Peixe. A sociolinguística e a desconstrução do preconceito linguístico. **Caderno Humanidades em Perspectivas**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 78-89, 2021. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/humanidades/article/view/1364/1431>. Acesso em: 29 maio 2024.

GUIMARÃES, Sandra. Sobre sotaques e preconceito linguístico. Site: **Papacapim**. 15 set. 2022. Disponível em: <http://www.papacapim.org/2022/09/15/sobre-sotaques-e-preconceito-linguistico/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

LINS, Virlandia. **Entrevista concedida a Gabriel Batista Santos**. 2 arquivos MP3 (6,35 min.). Aracaju/SE, 29 mar. 2025.

LORETTO FILHO, Jardiel; OLIVEIRA, Cristiane Marthendal de. Sem “lacrção” nesta hora: a era digital e o preconceito linguístico. **Blog Editora Opet**. 29 jun. 2022. Disponível em: https://editoraopet.com.br/blog_opet/sem-lacracao-nesta-hora-a-era-digital-e-o-preconceito-linguistico/. Acesso em: 28 abr. 2025.

SANTANA, Lucilene. **Entrevista concedida a Gabriel Batista Santos**. 1 arquivo MP3 (1,35 min.) Aracaju/SE, 26 mar. 2025.

SANTOS, Michele. **Entrevista concedida a Gabriel Batista Santos**. 1 arquivo MP3 (1,5 min.) Aracaju/SE, 7 abr. 2025.

SANTOS, Mineia. **Entrevista concedida a Gabriel Batista Santos**. 1 arquivo MP3 (1,5 min.) Aracaju/SE, 7 abr. 2025.

TAVARES, Marcela. Canal @MarcelaTavares. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/MARCELATAVARES>. Acesso em: 28 abr. 2025.